ANO 2.º LISBOA--SEXTA-FEIRA, 8 DE SETEMBRO DE 1922 N.º 438

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

ESTÃO votadas, nos deputados, as propostas de finanças, restando agora saber se elas darão tudo o que delas se espera. Entendemos que era inadmissivel que o Parlamento, cedendo á lei do menor esforço, as condenasse em bloco, aguardando que outro ministro apresentasse novas propostas, para lhes aplicar a mesma pena.

Prestar-se-ha o contribuinte ao sacrificio que se lhe exige?

Não temos qualquer duvida em afirmar que sim, desde que ele perceba que se trata dum esforço serio para o nosso resgate. Se ele, porém, chegar a convencer-se de que o Estado não rompe com os seus velhos erros, praticando dispendios e prodigalidades, engordando parasitas e traficantes, a sua resistencia, activa ou passiva, ha de ser dificil de vencer.

No campo das economias e da compressão de despesas ha uma obra a fazer. Com coragem, inteligencia e patriotismo tudo se virá a conseguir. A redução do funcionalismo, de maneira a garantir a execução dos serviços publicos, só com gente competente e bem paga, não pode adiar-se.

Ha ministerios que necessitam de desaparecer, por desnecessarios e mal organizados.

A salvação do país não se conforma com compadrios nem afilhadagens. As suas exigencias são imperiosas. Dôa a quem doer, Portugal tem de passar por cima de interesses mesquinhos e de ambições condenaveis. Quanto mais demorarmos as medidas necessarias para chegarmos ao equilibrio orçamental e ao saneamento da moeda, tanto maior será o perigo a que nos exporemos. Factos são factos e a sua logica é inexoravel.

Queremos nós realmente mudar de rumo?

Os fados exigem que vivamos horas amargas, á semelhança dos outros povos que não se alimentam de miragens. Os novos impostos, lançados quasi como um salto no vacuo, por falta de elementos bastantes para se não ofender a justiça tributaria, hão-de levantar clamores. Convem que se atendam todos os que forem justificados.

Com violencias, não se encherão nunca os cofres do fisco.

O seu lançamento exige um escrupulo e uma competencia tecnica bem indiscutiveis, dadas as deficiencias e desigualdades do nosso cadastro. Se tal se não der, estejamos certos que a nossa situação financeira se agravará.

O custo da vida, contra o que muitos ingenuamente imaginam, ha-de aumentar. O problema do cambio não permite o contrario.

Emquanto a nossa actividade productiva não acompanhar, anulando, ou pelo menos aliviando, a carga das contribuições, manter-nos-hemos no suplicio de Sisifo. Impõe-se, portanto, a realização dum vasto plano de fomento que impulsione o desenvolvimento economico do país.

* * *

AS propriedades do descendente do visconde de Monserrate estão mudando de dono e fraccionando-se. As de Cintra têm sido já vendidas pelo herdeiro e adquiridas por subditos ingleses. Um caso interessante: os novos donos vêm declarar oficialmente terem-na adquirido por um valor diminuitissimo, ainda mais insignificante perante a nossa moeda... O fisco, porém, não está pelos autos: o escrivão de fazenda requereu a avaliação por não se conformar.

E' a regra da actualização—que alguns estrangeiros estão comprando as nossas coisas de, e por... graça, cambial.

O espirito do mal

Nós somos um povo excessivamente credulo que nos prestamos facilmente a ser logrados pelos mais grosseiros charlatães. Acreditamos em tudo que nos seja apresentado como uma maravilha ou elixir, desde que o nosso facil orgulho de pobres se encha de vaidade ou a nossa tendencia para a preguiça encontre um pretexto para divagar livremente.

De quantas bujardas nós não temos sido vitimas!

Vivendo mais pela imaginação que pela razão, mais pelo instinto que pelo raciocinio, um raio de sol nos basta, como á cotovia, para voarmos em pleno azul. Temos pela realidade um despreso absoluto.

Os problemas que demandam soluções prontas e integrais cansam-nos, aborrecem-nos. O sonho é o nosso campo de acção.

Que viagens no espaço!

Como todos os que pretendem escapar-se á natureza, ás duras leis da vida, as nossas quedas são constantes. Entre ilusão e desilusão, entre mentira e desmentido, consumimos o melhor das nossas forças.

Não podemos ter uma certeza, um metodo, uma orientação, porque, assim como os canaviais, temos de obedecer ao vento que sopra de fóra e de longe. Cremos e descremos, afirmamos e negamos, com uma volubilidade extraordinaria.

Ou nos embalamos no mais roseo e cativante optimismo ou rugimos ameaças e blasfemias, entregues ao desespero. Ignoramos o que seja observação rigorosa dos factos ou critica judiciosa da nossa vontade sobre eles.

Nunca assumimos uma atitude justa, no momento preciso, visto as nossas distracções ou os nossos preconceitos não nos consentirem, a não ser por adivinhação, que organizemos a defesa da nossa existencia, sem enormes desperdicios de energia.

O que agora julgamos bom, breve nos parece mau. Carecidos de confiança no nosso braço e no nosso cerebro, contamos com o acaso, o destino, o desconhecido para nos proteger.

Intitulamo-nos um povo livre e andamos muitas vezes de rastos. Esperamos dum falso grande homem que ele realize o absurdo de nos libertar de erros que alimentam a burla do seu poder.

Falamos alto, por não morrermos de mudez, perante o misterio da nossa alma. Invocamos Deus, mas somos prisioneiros dos sentidos.

Cometemos, habitualmente, a imprudencia de evocar a gloria dos nossos maiores, como se estes não fossem uma condenação solene da esteril obra em que os comprometemos.

FALA A FOME...

—E' uma optima ideia essa do «Credito da Inteligencia», pois vai beneficiar os que têm qualquer coisa no cerebro...
—Olha, eu contentava-me em ter essa «qualquer coisa» no estomago...

SABE-SE lá fóra que nós somos um povo de recursos e não vulgares esmoladores da finança internacional. O nosso credito existe, embora, a tal respeito haja umas tantas cautelas e suspeitas que as nossas continuas revoluções e a nossa inercia, em face do estado de coisas nascido da guerra, ajudaram a crear. Temos satisfeito os nossos compromissos, no estrangeiro, como devedores escrupulosos.

Não se dedusa, porém, daqui que vamos encontrar prontamente as boas graças dos banqueiros. A operação exige cuidados previos.

Quando surgirá a confiança bastante, para que os depositos dos nossos nacionais entrem as fronteiras do país, dando ao nosso mercado de capitais as facilidades que hoje não encontra?

Sem que a ordem publica esteja plenamente assegurada, ha de ser muito dificil. O dinheiro não gosta de riscos nem de incertezas. Nas guerras e motins foge ou se faz ladrão. Tratemos pois de lhe preparar dias tranquilos e felizes. Sem esta indispensavel satisfação, não ha furia de Jorge Capinha que o reconduza aos patrios lares.

Para o Estado, dignamente, realizar qualquer grande operação de credito, impõe-se que regularise as suas finanças, de maneira que elas não constituam um embaraço constante para a economia do país. Contas direitas e claras. Gastos reduzidos ao minimo e receitas elevadas ao justo necessario. Procedendo assim, ninguem lhe voltará as costas. A finança amaciará a sua feresa, compreendendo que nós não queremos ser prodigos, mas que trabalhamos para vencer as amarguras duma crise temerosa.

* * *

PUCCINI trabalha numa nova opera — *Sua Grandesa Sly*. Deixou a sua bela residencia de Torre de Sago, em Milão, rompendo com os seus amigos.

Neurastenico e supersticioso, refugiou-se, num velho castelo arruinado e solitario, longe da cidade, onde vive com as suas visões. Ouviu um dia dizer que a sua arte estava decadente. Irou-se e jurou vingar-se. Trabalha dia e noite para isso.

Se o seu esforço não alcançar o exito que espera, que fará Puccini?

E' de crer que o autor da *Tosca* profunde tanto o silencio e a solidão que fique absolutamente isolado entre os homens.

Será esta a sua maior vingança?

* * *

HA quem afirme que á concessão recente de condecorações aos regimentos que se bateram no Sul de Angola não presidiu um espirito de sã justiça. Algumas unidades — e das que mais heroicamente se portaram — foram esquecida e o natural orgulho que as possue obriga-as a olhar de travez para as que foram lembradas. Parece-nos que o mal ainda tem remedio.

* * *

O projecto de lei criando a nova comarca de Macieira de Cambra está dando que fazer. São protestos de Oliveira de Azemeis e outros. Todos os dias caem representações no Parlamento.

Não vai ainda desta.

Subvenções

Uma carta

Por ter o maior interesse e por atingir uma grande classe de funcionarios publicos, publicamos a seguinte carta:

Sr. director.—Com a boa vontade com que v. sempre se encontra disposto a proteger as causas justas e a dar conhecimento aos poderes constituidos da dificuldade permanente de que vêm sofrendo todos os trabalhadores que só têm de comprar e nada têm que vender, venho levantar o meu grito de angustia no seu respeitavel periodico.

Está discutido o caso das subvenções ao funcionalismo. Em breves dias será convertida em lei a resolução parlamentar. Se essa subvenção não representa para os servidores do Estado uma descançada independencia, pela sempre crescente carestia da vida, proporciona-lhe, comtudo, um pouco de refrigerio neste «mare-magnum» de angustias em que se vem transitando desde a grande guerra. Bem haja o Parlamento e bem haja o governo em ter atendido, em parte, as justas reclamações do militarismo e dos funcionarios civis.

Mas... a obra não é completa, sr. director. Sê-lo-hia se os projectos sobre funcionarios administrativos, apresentados por alguns parlamentares, tivessem sido devidamente apreciados.

O funcionalismo, que presta serviço nas Camaras Municipais, que sem duvida tem tanto direito á vida e a todas as prerogativas como o funcionalismo do Estado e que seria justiceiramente compensado nos projectos de que venho de referir-me, ficou em circunstancias perfeitamente lamentaveis, porque alguns desses pobres funcionarios cobrarão importancias, de hoje em diante, menores do que aquelas que anteriormente recebiam, desde que lhes sejam aplicaveis as tabelas que acompanham a lei das subvenções.

Assim, um amanuense duma Camara Municipal a quem taxativamente é fixado pelo artigo 24.° da futura lei o vencimento mensal de 25$00 (vencimento que aufere desde 1915) tem de submeter o seu calculo á tabela n.° 1 na proporção de 300$00 anuais, a cujo vencimento e percentagem nessa mesma tabela corresponde a cifra de 217$50 mensais, ou seja menos 12$50 do que actualmente percebe.

Isto quere dizer que os funcionarios municipais, excepção dos chefes de secretaria, cujos proveitos são bastante vantajosos, ficam recebendo menos do que auferiam antes, e numa situação que pode quasi classificar-se de desesperada, acrescendo ainda que estes empregados não cobram a mais pequena percentagem sobre emolumentos de secretaria que, pelo Codigo Administrativo, pertencem exclusivamente aos citados chefes, (facto unico nas repartições publicas) vivendo apenas do modesto e parco ordenado, o que sem duvida representa o maior dos sacrificios.

Suponho não ser logico que o país venha acudir só a uma parte dos seus serventuarios, deixando a outra, que vale e merece o mesmo, em circunstancias absolutamente insustentaveis.

E' facto que as vereações podem agir produzindo a melhoria financeira do pessoal dos seus municipios, como já tem feito, mas provavel é tambem que, estatuindo o «Diario do Governo» cifras concretas e percentagens fixas para todos os seus empregados, as camaras se vão restringir a essas determinações oficiais e não queiram servir-se da sua autonomia para este efeito, supondo-se coagidas em face das resoluções governamentais e parlamentares.

Uma luta titanica tem tido esta classe ha longo tempo junto dos poderes constituidos e dos representantes do País. As melhores esperanças a tem animado por vezes. Promessas definidas e concordancia absoluta com os peticionarios nas razões expendidas. Infelizmente, porêm, nada de concreto se tem obtido e os proprios projectos em seu favor jazem abandonados, como tantos outros esforços empregados a bem duma classe que os merece.

Sr. director: será o momento azado para v. fazer constar do seu muito lido e apreciado jornal que os funcionarios municipais congratulando-se com a melhoria concedida ao funcionalismo militar e civil, lamentam não ser abrangidos equitativamente por essa melhoria a que se julgam com o melhor direito?

A sua voz potente poderá com segurança ainda conseguir qualquer coisa que venha minorar angustias e provocar sorrisos em almas tristes.

Agradecendo a publicação.—Sou de v.—*Um funcionario municipal.*

FURUNCULOS
Diabetes, doenças da pele e dos intestinos
curam-se com fermento d'uvas
Formosinho
Farmacia Formosinho
Praça dos Restauradores, 18
LISBOA

Gama
GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRACÇÕES E CAUTELAS
para todas as
LOTERIAS
Fornece para revender
PREÇOS CORRENTES
— Pelo correio mais $20 para registo —
TELEFONE NORTE 4020
Pedidos a
F. SILVA GAMA
R. do Amparo, 51—LISBOA

O QUE DIZEM OS FACTOS

A INDEPENDENCIA DA REPUBLICA BRASILEIRA

O "7 de setembro"

é uma data convencional

A data festiva do «7 de setembro», como do «3 de maio», oficialmente consagradas á independencia e á descoberta do Brasil, não obedecem rigorosamente á realidade dos factos, comquanto, desde a primeira constituinte, (1824), aquelas datas ficaram consignadas aos dois acontecimentos mais culminantes da Historia daquele país.

Do erro do «3 de maio», mais uma vez despertado na imprensa portuguesa agora pelo Instituto Historico do Minho, nos ocuparemos separadamente. Sobre esta data ha velhas controversias cronologicas, mal justificadas, aliás, principalmente desde a vulgarização, no seculo XVIII, do relatorio que Pero Vaz de Caminha, o escrivão-mór da esquadra e cronista da viagem de Pedro Alvares Cabral, remeteu directamente a D. Manuel I, o soberano então de Portugal; é este relatorio o primeiro documento oficial da historia do Brasil, cuja exactidão scientifica, das datas nele mencionadas, o Instituto Historico do Minho acaba de constatar de modo iniludivel.

Tanto mais flagrante é o erro do «3 de maio» quanto é certo que para a celebração oficial da descoberta da America, que o Brasil igualmente festeja, não recorreu á retroactividade das correcções gregorianas a que parece ter obedecido a fixação brasileira da data do descobrimento de Pedro Alvares Cabral.

No fixar do «7 de Setembro» não existe a anarquia cronologica daquele. Mas a preferencia desta data, marcando a independencia politica do Brasil cujo centenario justificada e brilhantemente se celebra nesta ocasião, é que se nos afigura demasiadamente arbitraria sob o ponto de vista historico, porquanto não assinála acto algum da independencia. Aquela data corresponde apenas a uma decisão individual, exteriorizada dessa vez, de modo incisivo, com uma maior vivacidade que a exaltação de momento explica.

Evoquemos os factos.

* * *

D. João VI, que desde 1808 se refugiara no Brasil, fugindo á invasão francesa e para onde transferiu a sua côrte,—foi a contra-gosto seu obrigado a regressar a Portugal, em 26 de Abril de 1821, deixando ali, com poderes de regente, o principe D. Pedro, seu primogenito.

O fermento pela independencia politica daquela antiga colonia,—já por aquele facto da presença e domicilio da côrte portuguesa e subsequentemente pela elevação do Brasil á categoria de reino e pela abertura dos portos ao comercio externo,—tinha adquirido um maior desenvolvimento, contando não só com o elemento popular e o escol dos brasileiros nativos, mas tambem com um certo numero de portugueses; propaganda e desagregação que o proprio monarca não hostilizava.

E tão convencido estava o rei da proxima separação politica do Brasil que, ao despedir-se do filho, dissera-lhe: «Pedro, o Brasil está perdido para Portugal; põe tu a coroa na cabeça antes que algum aventureiro lance mão dela».

São palavras que a historia registou.

Depois da saida do rei, a efervescencia separatista intensificou-se muito mais ainda.

As manifestações da rua e as medidas governativas da regencia desagradaram, porém, ao governo de Portugal que determinou o regresso do principe á Europa, sob pretexto de visitar as varias côrtes europeias, para completo da sua educação.

Do conhecimento desta deliberação resultou a rebeldia de D. Pedro, manifestada no *fico* com que respondeu, em Janeiro de 1822, á representação popular que lhe foi apresentada pelo presidente do senado da Camara do Rio de Janeiro que, por sinal, era o português José Clemente Pereira, fervoroso adepto da separação do Brasil.

Em Julho de 1822 o governo da regencia declarou inimigas as tropas que se conservassem ou entrassem no país sem a sua permissão.

Foi este o primeiro acto de hostilidade directa para Portugal.

Como na Baía se encontrava o general Pinto Madeira, com uma divisão de tropas portuguesas, foi alí mandado o general Labatut que sitiou a cidade de São Salvador.

Entretanto os brasileiros, na escolha do regime a adoptar, dividiam-se em trez partidos—liberal, realista e republicano— iniciando-se entre eles a luta de intriga e da perseguição.

D. Pedro teve de ir a Minas Gerais para acalmar os animos por demais irritados e, de regresso, foi a S. Paulo, onde a harmonia politica não era completa. Tanto numa como na outra provincia, a preferencia era pelo regime republicano-federativo.

Nestas saídas do principe da séde do governo, ficava D. Leopoldina, sua esposa, investida dos poderes da regencia.

D. Pedro tinha a cautela, quando se afastava do Rio, recorrer antes ao conselho de José Bonifacio de Andrada e Silva, mais tarde cognominado «patriarca da independencia» com ou sem rei, precavendo-se assim contra qualquer surpreza dos republicanos, que D. Pedro muito receava.

Ao entardecer de 7 de setembro de 1822, encontrando-se o principe ainda em S. Paulo, acompanhado do seu numerosissimo sequito junto ao ribeirão Ypiranga, recebeu, por um correio expresso, varios oficios do governo de Lisboa e uma carta de seu pai.

A rapida leitura que fez dessa correspondencia irritou-o fortemente; e, após umas palavras asperas, disse: «Pois bem! *Independencia ou morte!*», arrancando do chapeu o laço portuguez, que arrojou ao solo.

Aquelas palavras finais do principe foram calorosamente aplaudidas pelos circunstantes, que eram, como já dissemos, as pessoas do seu sequito.

Dalí, encaminhou-se D. Pedro para a cidade de Santos, onde dirigiu uma proclamação «aos paulistas», e retirou-se para o Rio de Janeiro, onde chegou a 17 daquele mês.

Até essa data, 17, os actos governativos da regencia do Brasil foram praticados em nome do rei de Portugal.

Nesse dia fez D. Pedro publicar os três primeiros decretos do novo Estado, consistindo:—o primeiro, concedendo uma amnistia geral para todos os casos politicos e convidando os portugueses residentes no país a declarar a sua adesão á nova nacionalidade ou a ausentarem-se dentro de quatro meses; o segundo, criando o escudo de armas; e o terceiro, criando a bandeira nacional.

Ainda nesse dia, 17, foi D. Pedro aclamado, pela população do Rio de Janeiro—Imperador constitucional e defensor perpetuo do Brasil—titulo que aceitou.

Estava assim declarada a independencia do Brasil; creada uma nova nacionalidade e fundada uma nova dinastia, que não logrou passar do segundo reinante.

O «7 de Setembro» ficou, porém, considerado o dia festivo da independencia, tambem chamado—*dia de mata-galego,* no qual, em todos os anos, os timidos *caxinguelês* e outras maltas tinham a liberdade de provocar, com os seus gingados e a sua navalha, os colonos portugueses,—pratica odienta que o novo regime, de 1889, suprimiu em absoluto.

Para nós, portugueses, pois, que ao Brasil nos sentimos ligados por alguma coisa mais do que pela simples razão historica, o «7 de Setembro» assinala apenas a defecção egoistica e o perjurio de lesa-patria dum principe português que, para cumulo de ironia, foi mais tarde rei de Portugal.

D. P. Barreira

Agencia Geral de Angola
Dactilografas
Contratam-se dactilografas para servir em Angola.
As condições do contrato estão patentes nesta Agencia Geral, (Rua da Madalena, 237, 1.º), todos os dias uteis, durante as horas do expediente.
Lisboa, 7 de Setembro de 1922.
O agente geral, interino,
(a) *Roberto Carlos da Fonseca*

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

Condessas de Seisal e de Estarreja, viscondessa de Sanches de Baena, D. Cristina de Albuquerque de Melo Pereira e Caceres, D. Isabel Ferreira da Silva, D. Zycia Ramos Oliveira e D. Fabia Coelho da Rocha Cambiaso Monteiro.

E os srs.:

Comendador Guilherme Pereira de Carvalho e João de Melo (S. Lourenço).

Casamentos

Realizou-se ha dias na paroquial igreja dos Anjos o casamento da senhora D. Maria Antonia Bragança Soares, com o sr. Fernando Cilla, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Finda a ceremonia religiosa os noivos partiram para Espinho, donde seguem para Madrid, onde vão fixar residencia.

—Na capela particular do palacio da Capinha (Fundão) realizou-se no dia 30 do passado mês, o casamento do seu proprietario sr. Francisco de Pina de Macedo Gusmão e Ornelas, com a senhora D. Maria Carlota de Elvas Leitão Soares.

Serviu de madrinha, sua prima a senhora D. Ana de Gusmão Macedo Pereira Forjaz e de padrinho o sr. conselheiro José Navarro de Andrade.

Celebrou o acto religioso o rev. conego arcipreste sr. José Lourenço Tavares que no fim da missa fez uma brilhante alocução, tendo sido coadjuvado na ceremonia pelos revs. de Capinha, Fatela e Barca.

Durante o casamento o rev. P. Manuel Duarte e um grupo de senhoras entoaram varios trechos de musica sacra.

Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

A' ceremonia assistiram as principais familias daquela localidade.

Nascimento

Na sua casa de Pinhão (Douro) teve a sua «délivrance» a senhora D. Maria Julieta, esposa do major d'infantaria sr. Sepulveda Rodrigues.

Jantar e «raout»

Os srs. condes de Calhariz ofereceram ontem, no seu palacete em Sintra, um jantar, seguido de «raout», a mr. Birch e mrs. Birch, que decorreu muito animado.

Depois do jantar reuniram-se nas salas muitas pessoas da nossa aristocracia.

«Ceia á americana» e festa infantil

Além da «ceia á americana», marcada para ámanhã, e que promete ser muito elegante e concorrida, devido aos nomes de pessoas que têm mesas marcadas, realiza-se no proximo domingo uma festa infantil, com fantoches e outros numeros interessantissimos.

Em Parede

No Casino Oceano, desta encantadora praia, realizou-se, no dia 2 do corrente mês, uma interessante festa, que constou de um concurso de penteados e de simpatia, organizado por uma comissão de senhoras que ali se encontram a veranear.

Nos «penteados» ganhou o 1.° premio a senhora D. Maria Isabel Pereira e o 2.° á senhora D Margarida Branco e no de «simpatia» o 1.° premio das senhoras, a senhora D. Maria Isabel Pereira e o 2.° a senhora D. Maria da Guia Ramalho, e de cavalheiros, o sr. José Costa.

Em seguida houve baile o qual decorreu muito animado.

Em viagem

Regressaram a Montemór-o-Novo os srs. condes de Safira.

—Chegou do norte e parte hoje para a Figueira da Foz, o sr. Armando de Vasconcelos.

—Com sua esposa e filhos, é esperado brevemente em Lisboa o sr. dr. Antonio Justino da Costa Lopes.

—Com sua esposa, a senhora D. Ana de Gusmão Macedo Pereira de Forjaz, chegou á sua casa no Fundão o sr. conselheiro Navarro de Andrade.

—Regressou de Berlim, com sua esposa, a senhora D. Guiomar de Laxmann Ferreira Pinto Basto de Saldanha, o sr. D. Simão de Saldanha de Sousa Meneses.

—Acompanhado de sua esposa, partiu para as Caldas da Rainha o sr. Francisco Nepomuceno Cardoso.

—Regressou da Nazaré, com sua esposa e filhos, o sr. Henrique Ribeiro de Carvalho.

—Partiu para a sua quinta de Almoinha, em Cezimbra, a senhora doutora D. Branca Rumina.

EGMAR
NITRA
a melhor
AS DE MAIOR DURAÇÃO
AS DE MENOR CONSUMO
AS QUE DÃO MELHOR LUZ
SEM CONTESTAÇÃO POSSIVEL
SUPERIORES A TODAS AS MARCAS
DEPOSITARIOS GERAES PARA TODO O PAIZ:
SOCIEDADE LUSITANA DE ELECTRICIDADE AEG
LISBOA R. DOS FANQUEIROS 12
PORTO R. SÁ DA BANDEIRA 215

PROSA

O PAPEL DO ESCRITOR

POR

José Parreira

Qual é o papel do escritor, a sua missão?

A pregunta é cheia de interesse e não deixa de merecer as devidas atenções. A tantos diz respeito, com tantos contende.

O escritor deve ser o porta-voz da Sociedade ou deve ser ele proprio, unicamente ele mesmo e apesar de tudo?

Guiados pelo competente Boylesve, que á perspicacia junta a penetração, a resposta talvez seja facil, senão, pelo menos, propria a definir situações, que podem explicar-se e carecem de explicação.

Se a sua obra não é mais do que a expressão da Sociedade, ele limita-se apenas ao papel de pintor fiel ou de historiador. Era ainda um belo e grande papel. Mas, consciente desse papel, de algum modo modesto e subordinado ao objecto, ele se expõe a representá-lo de maneira a contentar, cada vez mais, a Sociedade, que, por definição, o ultrapassa e se lhe impõe, arrisca-se a entregá-la de momento a momento, conforme apraz áquela em ser vista. Ele se transforma num pintor de retratos que executa a efigie duma dama ávida em parecer bela. O escritor renuncia-se a favor da Sociedade; fica ao dispôr duma amante; só quere o que ela quere; perde a sua visão pessoal; não acrescenta nada á soma dos conhecimentos ou das magnificencias do mundo. Seja qual fôr o seu talento, poder-se-ha considerá-lo como um escritor de primeira ordem?

Escritor de primeira ordem é aquele que, dotado duma personalidade forte, propõe ou impõe ás gentes a sua visão ou as suas concepções. Propõe ao mundo que veja as coisas como ele proprio as compreende. Ele encontra, deve encontrar, uma oposição, pois a natureza humana é rebelde ás mudanças e adora as repetições; mas a tenacidade do mestre impõe-se e dentro de pouco cada qual se vangloría de ver como ele. Cada um passa a afirmar ter sido revelado a si mesmo.

O mundo, de facto, é governado por individualidades pouco numerosas; o mundo não tem nem visão nem opinião, sendo só apto a ser guiado.

O escritor deve, pois, respeitar primeiro que tudo a sua personalidade. Não é um homem como os outros; diminui-se pondo-se ao alcance de todos, colocando-se ao nivel comum. Não deve esperar que lhe dêem o santo. E' ele que deve dar a palavra de ordem.

José Parreira

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

74, RUA DO CARMO, 74

EPISTOLARIO

O conde de Sobral

escreve a um desconhecido

pedindo-lhe elementos para escrever o elogio

do conde da Barca

Entre os ilustres antepassados do eminente escritor, ha pouco falecido, Anselmo Braamcamp Freire, conta-se Hermano José Braamcamp de Sobral de Almeida Castelo Branco, 3.º morgado da Luz, 2.º barão, 1.º visconde e 1.º conde de Sobral, ministro de Estado, par do reino e conselheiro de Estado, nascido em 1755 e falecido em 1 de fevereiro de 1846.

Era filho de Geraldo Wenceslau Braamcamp de Almeida Castelo Branco, 1.º barão de Sobral e de D. Joana Maria da Cruz Sobral e neto de Hermano José Braamcamp, ministro de el-rei da Prussia em Portugal, no reinado de el-rei D. José. Este ultimo era descendente dum celebre coleccionador holandês de objectos artisticos, Geret Braamcamp, cujo retrato se encontra no vol. 3.º da *Lisboa antiga*, do visconde de Castilho, aonde o curioso destas velharias acha tambem uma bem elaborada genealogia dos Braamcamps, Cruzes Sobrais e morgados da Alagôa, que se aparentaram com as casas Ficalho, Vila Real, Palmela, Mossamedes, Carnide, etc.

Hermano José Braamcamp casou em Paris com D. Luísa Amable de Narbonne Lara, filha do conde Narbonne Lara Luís Amalrico de Narbonne. Residiu no seu palacio, conhecido pelo palacio Sobral, ao Calhariz, aonde hoje é o edificio da Caixa Geral dos Depositos.

Dele diz Villemain nos *Souvenirs contemporains d'histoire et de littérature:* «Un noble portugais, le Comte de Braamcamp, que ses lumières et son talent ont, pendant plus de trente ans, mêlé sous les titres les plus honorables aux vicissitudes de sa mobile patrie, où il fut tour a tour Député, Président des Cortes, deux fois Ministre des Finances, et enfin, Sénateur.»

Henrique de Campos Ferreira Lima.

Lx.ª, 6 de Desb.ro 1817

Ill.mo A.mo e Sr.

Desejando hum academico meu a.º escrever o Elogio Historico do Conde da Barca, lembrou-se de vir ter commigo como seu apaixonado para me pedir algumas noticias que podessem interessar a sua memoria, não só como Ministro mas tambem como Literato e Patrono dos Homens de Letras. Eu disse o que sabia e ofereci-me a pedir a V. S. mais amplas informações, certo que ninguem as pode dar melhores por todos os motivos, e que ninguem deseja que se honrem mais as cinzas de hum homem tão benemerito.

Como me pedem a brevidade possivel, desejando aproveitar o correio de hoje, não serei mais extenso, e limitar-me-ei a renovar-lhe os protestos bem subidos dos sentim.tos de estima e consideração com que sou

de V. S.

Verd.º-am.º e mui fiel cr.º

H. J. Braamcamp de Sobral

P. S. — Tive carta do nosso bom Corrêa, digna do seu excelente coração; era datada de 15 de Agosto; estava bom apesar do trabalho.

VERSOS

O ELOGIO DA PRIMAVERA

POR

Armando Neves

Vestiram-se de sol os pobresinhos.
Os alcantis das serras vão deixando
os farrapos de neve e retomando
os verdes trajos, meigos como arminhos.

E as andorinhas voltam, revoando,
a cruzar os altissimos caminhos,
em alegres chilreios procurando
a paz saudosa dos antigos ninhos

O ar é doce e embalsamado e quedo.
Dorme a Terra em seu leito de quimera,
divinamente nua, um sono lêdo.

E a Terra sonha, num florido enleio,
e o Amor, encantado em Primavera,
beija-lhe as curvas ideais do seio...

MENINO

No seu branco caixão, um pequenito
dórme o sono da Morte, entre os incertos
clarões de uma candeia. E que bonito!
Deixou-se assim ficar, de olhos abertos...

Parece estar-nos vendo e até ouvindo.
—Botão de rosa que não veio a abrir—
Os labios inocentes entreabrindo,
deixou-se assim ficar, inda a sorrir...

Mãosinhas-postas — que mãos pequeninas!
Mãosinhas-postas — brancas e tão finas.
Mãosinhas-postas — como metem pena!...

E pede beijos a boquinha linda...
Deixou-se assim ficar, nesta serena
paz encantada de quem vive ainda

SENTIR

Sentir. Sentir! Eu sei de muita gente
que diz sentir sentir o seu sentir,
mas que, no fundo, nem ao menos sente
sentir, mesmo ao de leve, esse sentir...

Sentir! Nem todos sentem fundamente.
Todos dizem que sentem, mas sentir
só muito sente muito pouca gente
e todos por aí dizem sentir!

Vale mais, muito mais, quem nada sente
mas que sentir não diga ou aparente,
do que quem nada sente e diz sentir.

De dizer a sentir é tão dif'rente!
Sentir! Sentir! Nem toda a gente sente.
—Nem todo o coração sabe sentir.

Armando Neves

Do livro *Poentes* a publicar.

Teatro de S. Carlos

HOJE — Sexta-feira — HOJE

Reaparição de ALVES DA CUNHA na sua magistral criação da peça

AS DUAS CAUSAS

O papel de «JACINTO» pelo actor JOAQUIM PRATA

Brilhante desempenho de Berta de Bivar, Celeste Leitão, Maria Pinto, Antonio Palma e Manuel Bessa

APOLO Tel. N. 4129

O «record» dos exitos — Sempre ás 9 1|4 da noite — A fantasia-revista

BELO SEXO

Compère: Soares Correia

Pela actriz Alda Teixeira: A Bacanal, Beleza de Hortaliça, Micas Pinto, Azenha e Menina dos Tremeliques

A peça de maior agrado nos ultimos tempos

Temporada de Inverno — **Companhia CREMILDA-CHABY** NO

TEATRO AVENIDA

Está aberta a assinatura até 20 do corrente para 7 primeiras representações com as seguintes peças: **CAMA, MESA E ROUPA LAVADA,** original de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa; **BONECOS ARTICULADOS,** original brasileiro de Claudio de Sousa; **POLICHE,** de Bataille, tradução de Arnaldo Figueirôa; **AMOR Á ANTIGA,** original do dr. Augusto Castro; **VIDA DE UM RAPAZ GORDO,** original de André Brun; **SER OU NÃO SER,** 3 actos, original de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa; **O PARLAPATÃO,** original de Eduardo Schwalbach; **PARIS,** tradução de Mario Duarte

Estreia: Reaparição de CHABY PINHEIRO

Sexta-feira, 29 — Com a primeira representação da peça em 3 actos original de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa **CAMA, MESA E ROUPA LAVADA**

No escritorio da Empreza das 12 ás 17 horas, todos os dias

POLITEAMA
TELEF. N. 3028
ÁS 21,30

A LINDA PEÇA DE EXITO SENSACIONAL

As flôres

ESPECTACULO IRRESISTIVEL : : ATRAENTE : SENSACIONAL

TEATRO SÃO LUIZ

HOJE, ás 9 da noite — Delicada critica sem inconveniencias

55.ª de

A REVISTA DE PRAXEDES

GRANDE APARATO

Brilhantes bailados franceses, espanhois, italianos, ingleses, norte americanos, mexicanos, brasileiros e argentinos

EDEN-Teatro

EXITO SEM RIVAL
AS 9 DA NOITE

AS DUAS GAROTAS DE PARIS

adaptação de Eduardo Schwalbach

— As enchentes continuam —

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

O homem que queria imitar Rafles

Um gatuno espanhol que veraneava em Caldas de los Reyes com uma elegancia parisiense, passava aos olhos de toda a gente por um cavalheiro honestissimo e de boa sociedade, quando foi surpreendido pela visita inesperada da policia, que o chamou á realidade da sua humilde condição de «ratonero».

Elegante, mundano, simpatico, alegre e conversador, o ilustre veraneante tinha conquistado já para uso domestico uns olhos azues e uns cabelos loiros á Pompadour, que eram toda a graça e todo o enlevo de Caldas de los Reyes.

Quando D. José passava, deixando atrás de si um rasto de perfume e de cinzas caras, curvavam-se, numa reverencia, «todos los «botones» del Casino»:

— Meu principe!

Sendo carteirista de profissão, era natural que D. José vivesse como um milionario.

E tinha-se formado já uma lenda em tôrno daquele «az» da elegancia e do bom tom, que tinha um passado de audacia e retrato na policia.

Quando a lei lhe apontou o caminho do isolamento, dentro da paz duma cela humilde, D. José declarou solenemente que estava sugestionado pela influencia perniciosa de certos «films» americanos e «que queria dedicar-se a ladrão de alta sociedade para imitar Rafles, por quem sentia uma fervorosa devoção».

Com um futuro tão risonho diante de si, era provavel que chegasse a homem de importancia com a mesma facilidade com que chegou a carteirista.

A policia—que tem uma grande responsabilidade na vida mundana destes passaros de arribação—cortou-lhe as azas precisamente quando aquela abelha doirada se preparava para pousar sobre um favo de mel perfumado e doce como um beijo de mulher.

E em vez de aflorar os seus labios numa deliciosa taça de ambrosia—que é o alimento dos deuses—D. José resignou-se a beber até á ultima gota, como o mais pobre dos mortais, o calice da amargura que a policia lhe serviu.

Para Caldas de los Reyes D. José morreu —diz a cronica mundana que tenho em cima da mesa. Mentira! D. José não morreu. Vive ainda nos olhos azues e nos cabelos loiros à Pompadour daquela senhorita elegante que continúa a ser toda a graça e todo o enlevo de Caldas de los Reyes...

Norberto Lopes.

O Centenario da Independencia do Brasil

Para comemorar o Centenarios da Independencia do Brasil, realizou-se ontem no consulado geral deste país uma encantadora festa promovida pelo consul sr. dr. Borges da Fonseca e por sua ex.ª esposa a quem foram oferecidas lindas «corbeilles». Constou de um concerto, em que se estreou o joven violinista Landulfo Borges da Fonseca, e de um delicioso copo de agua, tendo brindado, entre outros, os srs. conselheiro Fernando de Sousa, dr. Arlindo Correia Leite e J. Maximiano de Faria.

Hipismo

As corridas de cavalos em Cascais

As grandes corridas de cavalos que vão realizar-se em 30 do corrente e nos dias 1, 5, 7 e 8 de Outubro, são naturalmente o assunto dominante das conversações nos circulos mundanos e desportivos.

A consideravel importancia dos premios e a inscrição dos corredores que já se conhece, tem despertado vivo entusiasmo. No programa que a Sociedade Hipica Portuguesa elaborou com notavel criterio figura o «Grande premio da Marinha», 26 contos de réis e o «Derby» português, que são importantissimos.

Em cada dia ha cinco corridas.

No soberbo campo da «Marinha» trabalha-se afadigadamente nos preparativos que vão torná-lo de um aspecto soberbo.

A NOSSA MARINHA DE GUERRA

16 HORAS

DE COMBATE COM AS ONDAS

O comandante do destroyer "Guadiana"

é entrevistado pelo «Diario de Lisboa»

Quando o *Porto*, ainda era cedinho, fundeou fóra do porto de Las Palmas, para pouco depois levantar ferro e entrar dentro da bacia, logo apareceu a bordo, sua farda vistosa e suas condecorações honorificas, o capitão-tenente sr. Costa Navarro, comandánte do «destroyer» *Guadiana*.

O nosso pequeno navio de guerra está fundeado no porto, e como se sabe em fabrico.

O comandante diz, naturalmente,

—Um mau bocado. Talvez o peor de toda a nossa marinha de guerra de ha cincoenta anos para cá.

—Felizmente...

—Não aconteceu nada.

—Salvaram-se.

—Sim, pode dizer isso. O comandante inglês do *Alba*, unico navio que veiu em nosso socorro, disse-me depois: Vocês tiveram muita sorte.» E' que o mar estava bravo. Valeu-nos uma melhoria de vento para agarrar o cabo.

—Quando foi o incidente?

—A 27. Uma fermentação nas caldeiras inutilizou tudo. Tudo. O navio atravessou-se e dali não houve fazê-lo sair. Foram 16 horas de combate com as ondas. 40 graus de balanço. Sabe o que é 40 graus? E' agua dentro do navio... Parecia que se despegava tudo...

—Não passou navio algum?

—Passou um diabo qualquer que parou. Fizemos-lhe sinal com bandeira. Inutil. Fiz dois tiros. Nada. Pôs-se a caminho. Abandonou-nos.

—E então...

—Então surgiu o *Alba* que nos rebocou para aqui. Note: isto acontece muita vez quando os *destroyers* fazem viagens seguidas.

—A tripulação?

—Portou-se admiravelmente. Alguns oficiais novos, mas tudo admiravelmente.

—E agora?

—Agora... espero ordens.

—O navio está bom?

—Um navio português só está mal quando está no fundo. O *Guadiana* entrará na sua carreira dentro de breves dias.

A seguir apareceu o 1.º tenente sr. Arantes Pedroso, e foi um abraço.

—Então, boa viagem?

—Estás a chuchar comigo...

E ficaram a falar como camaradas.

N. de A.

AFINAL...

A FISCALIZAÇÃO

DO COMISSARIADO DOS ABASTECIMENTOS

O QUE DIZ AO «DIARIO DE LISBOA»

o ministro da Agricultura, sr. Ernesto Navarro

Esta manhã não houve sessão na Camara dos Deputados. O braço amigo do sr. Sá Pereira leva-me até ao hemiciclo. O jornalista tem poltrona de parlamentar. A sala está um pouco confusa de sombras e muito distinta em personagens. O ministerio todo, com o sr. Antonio Maria da Silva a não querer sair do seu *fauteuil* ministerial. Tenho o sr. dr. Nuno Simões á minha direita, trabalhador e activo, dobrado sobre o expediente; o sr. Agatão Lança revestido da elegancia fruste dum frack escorrente dum lenço de seda castanha, cuja côr briga com o cinzento das luvas e o sr. dr. Vasco Borges, ministro para todas as pastas —o melhor sorriso do Parlamento.

* * *

O ministro da Agricultura, sr. Ernesto Navarro, anda sósinho entre os *fauteuils*, mãos atrás das costas.

Logo a primeira pregunta: — Foi extinta realmente, a fiscalização dos oleos e bebidas?

O sr. Ernesto Navarro, um pouco formalizado com as entrevistas dos jornais:

—Conversas anonimas que não deviam vir a publico, sem primeiro se ouvir o ministro.

—O meu jornal ouve sempre toda a gente. Se errou foi em ouvir os fiscais primeiro, mas, como a ordem dos factores é arbitraria, V. Ex.ª pode falar agora...

—Havia duas fiscalizações. A da 5.ª região do ministerio da Agricultura e a do comissariado. Acabei com a ultima...

—A outra...

—Ficou. Não se compreendia que, como aconteceu, aparecessem duas amostras de azeite, com analises diferentes. Uma feita no laboratorio do Estado; outra no Tribunal dos Açambarcadores, feita não sei aonde, pelos fiscais dos Abastecimentos...

—Má gente...

—Coisas vergonhosas que se praticaram... Funcionarios a pedir dinheiro... Todos os dias recebo cartas anonimas dessa gente, com ameaças de morte... Já requisitei quinze para irem fiscalizar por esse país fóra...

—O melhor, comentámos, era acabar com o comissariado...

—Parece que acaba mais depressa do que eu queria...

—O que ha sobre o pão?

—Mandei que se cumprisse a lei, que se fabricasse pão de segunda em quantidade superior ao de primeira... Algumas padarias tinham a mais farinha fina, mas não era por isso que o Estado as devia indemnizar.

ENCERADOS DE VARIADAS DIMENSÕES PARA VAGONS, BARCOS E VIATURAS
TOLDOS de todos os sistemas para portas, janelas, terraços, barcos e praias
BARRACAS para jardim, campo e praias
Capas e fatos de oleado para homens, senhoras ou crianças
Endereço telegrafico: FABRICADOS Endereç telefonico: C. 3315
FABRICA PORTUGUESA DE ENCERADOS, L.DA
Rua do Vale de Santo Antonio, 71
Lisboa

Os Teatros

Atrás do reposteiro

A Empresa Norberto Piteira, proprietaria do novo Teatro de Setubal, acaba de fechar contracto com a Empresa Teatral Madeirense, sob a direcção do actor Holbeche Bastos, para a inauguração daquela casa de espectaculos com a sua Companhia de Opereta.

— Desligou-se da Companhia Alves da Cunha o actor Vital dos Santos.

— A actriz Irene Grave recebeu convite para uma conferencia com o sr. ministro da Instrução, ácerca do seu pedido de demissão de societaria do Teatro Nacional.

— Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos vão escrever uma comedia intitulada «Paulo, Sancho e Martinho».

— Por motivo de doença da actriz Angela Pinto, cujo estado é reputado um pouco grave, não ha espectaculo, hoje, no Politeama, tendo-se interrompido por isso as representações da peça «As Flores».

— Na «reprise» da revista «Tic-Tac» figurará um novo quadro de uma tourada a valer e na qual se verão todos os elementos decorativos de uma corrida á espanhola. O «espada» será o actor Carlos Leal.

— Lino Ferreira está traduzindo a peça «Coeur de Lilas» destinada á epoca de inverno da Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, no Politeama.

—Visitou hoje o *Diario de Lisboa* a gentil actriz Judith Marques que há dias regressou das Caldas da Rainha onde esteve fazendo uma cura de repouso.

—A companhia luso-brasileira que anda em «tournée» pelas provincias realizou com grande exito as suas primeiras cinco recitas em Vila Franca, Alhandra e Aldegalega tendo sido muito aplaudido o ilustre baritono D. Francisco de Sousa Coutinho (Chico Redondo) bem como os irmãos Orricos, Manuel Pinto, Rafael Ludovice e Judith Marques.

—Os dois espectaculos do teatro Maria Vitoria, na proxima segunda-feira, com a «Lua Nova», são em recitas do camaroteiro Manuel de Melo.

— Os escritores teatrais Mario Duarte e Guedes Vaz estão traduzindo a opereta italiana «Fior di Siviglia», de Emilio Reggio, musica de Alfredo Cusciná, com destino á companhia de opereta da Empresa Teatral Madeirense.

— Está marcada para o dia 15 do corrente, no Apolo, a «première» da fantasia «Cigarro bregeiro», de Ascenção Barbosa Abreu e Sousa. O guarde-roupa é de Jaime Valverde e o scenario do quadro «Miss Eva», de Baltazar Rodrigues.

— Efectuou-se ontem a leitura do 1.º acto da peça «O processo Landrú», de Silva Tavares e Ferreira Gomes.

— Para reaparição do actor Alves da Cunha faz-se hoje «reprise» em S. Carlos, da peça «As Duas Causas».

— Os papeis criados pelo actor Alvaro de Almeida na revista «Tic-Tac», vão ser feitos pelo actor Alfredo Ruas.

— No proximo inverno percorrerá a provincia uma bem organizada companhia de opereta e revista, composta por bons artistas e constituida por fórma a nada lhe faltar em scenarios, guarda-roupa, efeitos de luz, aparato, corpo coral e elementos musicais.

— A «première» da peça «O crime do Cochicho» far-se-ha no Eden-Teatro logo que terminem as representações da peça «As duas garotas», cujo sucesso não permite determinar a data certa.

— A companhia José Ricardo vai dar uma serie de espectaculos na Figueira da Foz.

— Os actores Rafael Marques e João Calazans regressam a Lisboa logo que terminem os seus contractos com a companhia Lucilia Simões e o empresario José Loureiro.

CARTAZ

S. Carlos—A's 21,15—As duas causas.
Nacional—Não ha espectaculo.
S. Luis—Ás 21,15 «A Revista de Praxedes»
Politeama—Ás 21,30—Não ha espectaculo.
Avenida—A's 21,15—«Boa estrela».
Apolo—A's 21,15—«Belo sexo».
Chiado Terrasse— Não ha espectaculo.
Maria Vitoria—A's 21 e ás 23,30—«Lua Nova».
Eden-Teatro — A's 21 — «As duas garotas de Paris».
Salão Foz—A's 21,30—Variedades e animatografo.
Coliseu dos Recreios—A's 20,30 e 21,30—«Pica-Pau».
Circo Royal—Não ha espectaculo.
Gil Vicente (á Graça) — Ás 21,15 — «Valha-nos isso».
Teatro dos Anjos—Ás 20,30—Companhia de variedades.

Animatografos e variedades

Olimpia (Rua dos Condes).
Cinema Condes (Avenida da Liberdade).
Salão Central (Praça dos Restauradores).
Salão Ideal (Rua do Loreto).
Cine-Paris (Rua Ferreira Borges).
Salão da Promotora (Ao Calvario).
Eden Cinema (Alcantara).

O caso de um aluno de direito

Sabemos que o quintanista de direito alvejado hoje por uma local do *Diario de Nocias*, sr. Jorge de Carvalho Malato Fino, está liquidando o assunto a que o mesmo jornal se refere.

A importancia a que alude o mesmo jornal não é muito inferior á verdadeira, devendo os presos ser reembolsados em breve e em dinheiro.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES — **A Cidade** — CRONICAS E ENTREVISTAS

A CAMINHO DO BRASIL

DO RIO TEJO A LAS PALMAS

A PRIMEIRA "ÉTAPE" DA VIAGEM PRESIDENCIAL

IMPRESSÕES E COMENTARIOS

do enviado especial do "Diario de Lisboa"

Dia 28. — A cidade estava já vestida de noite quando o *Porto* largou. Sentia-se — senti eu — uma tristeza paira sobre todas as coisas. A aproximação do escuro — escurecia a propria visão. O navio começou de estremecer, numa trepidação imperceptivel; depois arrancou mais forte, e alfim correu sobre a agua como um enorme *outrigger*. Eram sete e tal da noite. A guarda formou sob o comando do tenente Arantes Pedroso, sua madeixa branca sobre a cabeça moça e tranquila. Os marinheiros são ardidos já de viagens; fazem aquilo sem comoção. A banda toca a *Portuguesa*; há um terno de cornetas. Não houve salvas, porque já era sol posto. O jantar n'essa noite foi—á vontade.

* * *

Dias 29 e 30—O navio não passou de nove milhas. «Ha de andar mais...» — dizia-se. «Arranjam-se logo as maquinas» — falava-se.

Apezar do que vos disse pelo telegrafo — e não sei se receberam — a bordo tambem há boatos. Inventam-se mil e uma coisas. As maquinas assim, o frigorifico assado; não chegaremos tão cedo, vamos arribar a Cabo Verde.

Certo o *Porto* tem o seu velho do Restelo. Não quero dizer quem é.

* * *

O sr. dr. Antonio José de Almeida é a creatura mais bem disposta de bordo. Levanta-se ás 11 e meia, enverga um fato leve, boné, calça branca; passeia no jardim de inverno e almoça á 1 hora, servido pelo Fontes. Raro bebe. Come alguma carne. Conversa. Na sua mesa é o unico que conversa.

O Reitor da Universidade, seu chapeu pequeno, republicano, já não vai á mesa, e quando foi esteve enjoado, Passeia em cima, fala do passado, conversa de boa moral e é optimista. Tem particular estima pela sua gente da Universidade. O sr. Antonio Luís Gomes é um velho simpatico e correcto, a bordo. O sr. Jaime Cortezão adoeceu de enjôo fortissimo ao primeiro dia. Deu uma queda, por ter escorregado num balanço imprevisto de 11 graus. Foi em braços para o camarote. Toda a gente passou por lá, Tambem fui vê-lo: é agradavel a gente reconciliar-se com homens, de alma clara, de boa fé. Agora está melhor: passa o tempo no jardim de inverno, onde come e lê e dorme e sonha, sua barba biblica voltada á lua, na hora triste do poente.

Francisco A. Correia enjoou tambem. A bordo é um homem despercebido de si proprio, acamaradando sciencia e indisposição com o sr. Reitor e o almirante sr. Neuparth, este sempre de branco, três filas de medalhas, galões largos e previsões da derrota.

O general sr. Bernardo Faria nunca faltou á mesa. Não diz nada. Usa o cabelo cortado á maquina, uma roseta de Aviz e tem uma figura antiga de comedia seculo XIX. E' um homem superior ao meio, de um prestigio «démodé» mas autentico.

João de Barros, rapaz eterno, muito da roda dos jornalistas brasileiros, piza todos os planos do navio, conta anedoctas do Rio, de Paris, do Gerez, «uma vez em tal sitio uma senhora . . .», e é um pouco assim a alma alegre do paquete.

O comandante do navio, o bravo oficial mercante Afonso Dionisio, só esteve no salão de jantar uma vez. Como o navio vai mal, quando o chamam, alega:

—Diga que tenho de fazer uma observação de estrelas...

Manda o imediato, o bom Bettencourt, que vai contrariado para «aquilo do cerimonial».

E agora por estrelas. Diante de nós tem estado a alfa de Centauro, a bata de Lira e os planetas Venus, Neptuno e Marte. De noite, quando toda a gente dorme, vou para cima, muito perto do céu, sondar o pano azul, estrelado, nostalgico do céu, que cobre o outro lençol azul, forforescente, movediço, profundo do mar.

O Afonso Dionisio raro desce lá abaixo. Passou 21 anos de sua vida no mar:

—Em terra, enjôa.

O chefe de policia Zeferino da Silva, pessoa de começo misteriosa a bordo, enjoou logo, como uma pescada, e dava gosto vê-lo. E' bom homem, coitado. Agora vai feliz. Passa o tempo a jogar na sala verde. Outro jogador perpetuo: o Alcantara Carreira.

—Eu não sou jornalista—disse-me. Vocês não me dão alternativa.

—Realmente não

Vai contente.

O sr. ministro dos Estrangeiros esteve um tempo doente, mas agora está bem. Lê, ao lado do sr. Presidente. Ha pouco dei com s. ex.ª a ler Octave Mirbeau. Por livros. Livros que se lêem a bordo, ao acaso, nas cabines uns dos outros: *O obito de D. João II*, de Ricardo Jorge, a *Rainha D. Leonor*, *La vie de Jesus*, de Renan, *Le Jardin d'Epicure*, de Anatole, *A Flandres e o medo*, do Amaral, *Historia da Igreja em Portugal*, alguns Ruben Dario, *Prosas dispersas*, de Junqueiro, *Le roman d'un enfant*, de Loti, *D. Pedro V*, de Julio de Vilhena, e muito Machado de Assis, Fialho, Eça, Coelho Neto. Como vêem—tudo desconexo. Ao acaso.

Tambem aparece quem leia livros de escritores que vão a bordo. Isto é uma compensação para os que nos apontam aos criados e dizem: «aqueles são os *reporters*...»

* * *

Mas eu dizia da vida habitual do dr. Antonio José de Almeida... Almoça, vai á sua escrevaninha, vê papeis oficiais, recebe o sr. dr. Barbosa de Magalhães, lê telegramas e depois—só, abandonado, feliz—passa pelo sono, sentado, ali mesmo. De vez em quando um criado grave fecha a porta. Ele acorda e diz:

—Abra. Abra... Estou a ver tudo. Deixe entrar o ar.

As conversas predilectas do Chefe do Estado são as que se referem a cousas de Historia. Fala da Patria com enternecimento. O tempo romantico sabe-o de cor e salteado. Ontem dissertava sobre a figura do Rei D. Pedro V.

A' tarde vem á coberta tomar sol, ver o azul e á espera de um navio qualquer, imaginario:

—Mas não aparece um costado de navio. Não será aquilo?...

—E' uma nuvem...

Depois fica a ver o Oceano. Por ventura a lembrar-se da sua Maria Teresinha. O vento agita-lhe as farripas brancas, a nobre barba ponteaguda, sentimental, de retrato de Holbein.

Então ouve-se apenas a telegrafia... tss... tss... tss... ponto, ponto, traço, traço... tss... tss... tss...

A abstracção do sr. Presidente da Republica é respeitada. Ao jantar gosta de dispensar a cerimonia — quem a impõe é o sr. Barreto da Cruz, que tem a bordo as simpatias de todos. —Depois de jantar, o Chefe do Estado conversa com o comandante Atias, informa-se do que vai pelo navio, tem pena das maquinas não irem boas, e recebe novamente o dr. Barbosa de Magalhães. Não lê livros. Deita-se tarde, e quando dorme, nem os criados entram no seu camarote. Deus sabe o que ele pensa quando está sósinho...

* * *

Hoje de manhã — 31 — fomos surpreendidos com a noticia:

—O navio voltou para trás!

Pavor nuns, tristeza noutros. Frases deploraveis ainda noutros. E começou a serie dos boatos:

—A maquina vai escangalhada.

—Houve sabotagem.

—Não ha que comer...

—Isto são noticias de Lisboa, com certeza.

—Revolução?

— Vamos perdidos.

Quem espalha isto são criados, gente fóra da comitiva, e até um ou outro membro da escolta presidencial.

Afinal o que houve foi que a maquina do gêlo não funcionou bem, e daí ter-se inutilizado muitas provisões. Era forçoso arribar para meter frescos e ver umas coisitas da maquina.

— Aonde?

O comandante pensou que, mal por mal, antes arribar a um porto português. E retrocedeu para a Madeira. Já a tinhamos passado ao largo. Agora aí a temos, toda a gente com a serenidade perdida. Pensou-se em telegrafar á Madeira para o *Arlanza*, da Mala Real Inglesa levar o Presidente ao Brasil.

—Coisa triste!—comentou-se.

Mas o *Arlanza* já tinha partido.

Afinal o conselho de oficiais reune, faz uma acta em que opina pela ida ás Canarias, com demonstrações escritas, seguindo depois ao Rio.

O ministro dos Estrangeiros reune por sua vez com o comandante de bandeira, capitão de mar e guerra Coriolano da Costa, e, com o *sim* do sr. Presidente da Republica resolve-se ir de facto ás Canarias. O *Porto* volta a prôa ao arquipelago espanhol. Fazem os radios cifrados.

Os boatos diminuiram de intensidade. Sossegaram os pessimistas. Velhos politicos, velhos professores, velhos militares, velhos jornalistas, velhos criados — porque a bordo quasi tudo é ou parece velho mesmo quando o não é — sossegam as morbidas e cruciantes fantasias...

—A's Canarias! A's Canarias.

O telegrafo, impedido com dezenas de telegramas em cifra, não deixa que os jornalistas—sujeitos á censura!—passem seus escritos. Mas a intervenção do sr. ministro dos Estrangeiros ameniza a dificuldade de radiotelegrafar e a censura dos telegramas, e sempre se passam algumas palavras:

—A'manhã... Canarias... fóra porto... seguirem, maxima velocidade...

Palavras mortas.

* * *

E' noite. Toca ao jantar, que é hoje sem cerimonial. Ainda bem. Toda a gente avança, a passo cuidadoso, para o seu logar. Na saleta da escrevaninha, abandonados, estão três radios que chegaram agora.

—Que será? Que não será?

E até a *Janota*, a cabra de bordo, que come tabaco o bebe vinho—a unica alma feminina desta Nau Catrineta do sonho—até a *Janota*, de focinho no ar, na ante-camara atapetada, interroga:

—Que ha?

O sr. Presidente convida então os presentes a sentaram-se, e nas antenas... tss, tss... —...—tss... tss—os misterios radio-telegraficos correm nervosamente para Las Palmas.

Alto Mar, 31 de Agosto, á noite.

Como tem sido feita a reportagem do «Diario de Lisboa»

Meu caro director:

Alto Mar. — Bordo do «Porto», 1 de Setembro. — Escrevo-lhe a sério. Faço-o com aquela sinceridade que o meu querido amigo sabe que encontra em mim, quando o sorriso moço e descuidoso se oferece substituir-se voluntariamente por uma gravidade profissional, ajustada ao momento. Esta viagem presidencial ao Brasil tem sido até aqui uma situação cheia de contingencias, mas digna.

Digna, meu caro Manso.

Pode o espirito irreverente dêste seu camarada encontrar nas pessoas — objectos moveis para a nossa critica — motivos suspensos de reparo, mais ou menos jornalistico e superficial. No fundo, tudo isto aqui dentro é observado e guiado por um belo e salutar espirito de austeridade. Não ha excessos. Tocados nós todos de uma tinta de descrença permanente, facil apontamento critico a tudo quanto sucede á roda de nós; vivendo de preferencia em estufas sociais onde só medra o negativismo — possivel é que as notas impressionistas que tenho traçado e hei-de continuar a traçar, se prestem á facil especulação dos que não compreendem a expontaneidade do meu carvão, a leveza do esquisso imperfeito, a descuidosa linha contornada das figuras, que os acontecimentos formam.

Mas a si, que me entende, e conhece as exigencias de liberdade que o meu pensamento tem sempre no seu programa de existencia; a si afirmo que nestes cinco dias de viagem presidencial, com a ternura pela pessoa do sr. presidente da Republica, e com um instinto de respeito sugeriu pela representação nacional que sobre ele pesa, não tenho descortinado senão um sentido perfeito de dignidade colectiva, obstinando-se todas as pessoas em imprimir aos actos oficiais qualquer coisa de nobre, que á nossa propria consciencia ofereça uma sensação de pequeno orgulho.

O navio que leva esta gente toda ha de chegar ao Rio, lá para 14. Todos os dias caem sobre a mesa do dr. Antonio José de Almeida telegramas vindos do alto mar, de navios perdidos por esse Atlantico, nos quais portugueses — e alguns ha quantos anos não viram as terras onde nasceram! — saudam não só o presidente da Republica mas principalmente o chefe da Nação.

Alguns são comovedores de simplicidade. Outros vêm de terra colonial: S. Tomé, Loanda, Açores, Madeira, Cabo Verde.

A voz destes portugueses — expressa nas pancadas hertezianas da telegrafia — é mais vibrante, mais pura, mais forte, mais lial que todas as palavras que se lhe pudesse escrever, e o doutor em fundos magnificos pudesse interpretar.

Aqui no alto mar, em contingencias naturais que são poeira, residuos de miseria perante os grandes acontecimentos, sentem-se e interpretam-se melhor as virtudes do amor patrio que andam na alma dos portugueses, livres da doença transitoria da descrença.

Quando chega um telegrama dizendo: «os passageiros do navio tal, portugueses que voltam a Portugal saudam o venerando chefe da Nação e fazem votos pela felicidade da nossa querida Patria»; quando se lê isto afixado no quadro da camara intermedia, sente-se uma lagrima subir do coração aos olhos.

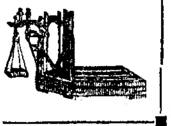
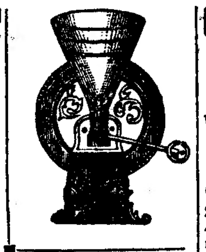
E tem-se um grande desejo de gritar: viva a Patria!...

Sem literatura, não lhe posso dizer melhor do meu respeito pelo objectivo d'esta viagem.

Telegramas vindos de Portugal e do Brasil anunciam as grandes homenagens que os portugueses do Rio vão prestar ao chefe da Nação Portuguesa. Afirmam a sinceridade dessas festas. Falam comovidamente da palavra Portugal, da palavra Patria, da palavra Raça...

E aí está, meu querido doutor, porque eu lhe peço que não veja nas minhas impressões de bordo senão fugazes interpretações das fraquezas ridiculas dos homens pequenos e tristes, e nunca um instrumento fundamental da critica a uma missão patriotica, cujo objectivo e destino é superior aos comentarios livres dos espectadores, ainda os mais amigos do prestigio de tudo quanto é português—como eu.

Norberto de Araujo.

ANTIGA CASA ENCARNAÇÃO

SUCESSOR: M. V. DA FONSECA

Balanças, pesos e medidas. Cofres, fogões, moinhos e torradores. Prensas de copiar e acessorios. Louça esmaltada, máquinas de picar e outras, etc.

25, 27, R. da Victoria, 29, 31 — R. dos Correeiros, 94 a 96

Telefone 3:061 — Encarnação ◇◇◇ LISBOA

N. B. — Não confundir a verdadeira e antiga casa Encarnação, de existencia secular, com outras da mesma industria, que dizem ser a mesma casa

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Exploração—Serviço do movimento

1.ª Repartição

Venda de aparas e residuos de cortiça na estação de Lisboa P.

Até ao dia 15 do corrente mês, pelas 13 horas, esta Companhia, receberá propostas em carta fechada, dirigidas á Direcção Geral, em Lisboa, estação de Santa Apolonia, para a venda de aparas e residuos de cortiça na estação de Lisboa P. desde 1 de outubro de 1922 até 30 de setembro de 1923.

No envolucro das propostas, alêm do endereço, deverá indicar-se o seguinte:

«Proposta para a compra de aparas e residuos de cortiça na estação de Lisboa P.»

Os proponentes deverão estipular claramente o preço oferecido por quilo e terão de fazer a declaração de que se conformam com as condições abaixo designadas.

Todas as propostas que não satisfaçam as condições acima indicadas e que se não conformem com as bases referidas serão consideradas nulas.

As bases são as seguintes:

1.°—O arrematante obriga-se a mandar recolher, diariamente, por sua conta, todas as aparas e residuos de cortiça que se encontrem nos cais e linhas da estação de Lisboa P., bem como nos lastros dos vagões que tenham servido a esses transportes

2.°—Diariamente deverão os agentes que o arrematante encarregar desse serviço fazer a pesagem das aparas e residuos recolhidos, em presença de um agente da Companhia.

3.°—O pagamento será feito mensalmente á vista dos recibos que estiverem em poder da estação.

4.°—Ao arrematante serão fornecidos dois bilhetes de identidade a fim de serem utilizados por dois agentes seus para a entrada na estação de Lisboa P., exclusivamente com o intuito de fazerem a recolha das aparas e residuos de cortiça, constante na base 1.°, devendo mostra-los aos empregados da Companhia sempre que lhes sejam exigidos.

Lisboa, 6 de setembro de 1922.—O director geral da Companhia, *Ferreira de Mesquita.*

AO PUBLICO
CARVÃO
DE SOBRO E DE AZINHO

DEZ MIL SACAS VENDIDAS ao publico por conta do lavrador, vende-se desde 1 saca, a qual é posta em casa do freguês. Condições e tabelas patentes no nosso escritório. Enviam-se pelo correio a quem pedir. Façam os seus pedidos com urgencia a

ARAUJO & FERREIRAS, L.DA

RUA DO COMERCIO, 28, 3.°

PAPELARIA VIUVA MARQUES

TELEFONE C. 2676

LIVROS COMERCIAIS PARA ESCRITURAÇAO
ARTIGOS DE ESCRITORIO E DE FANTASIA

Tintas e material para desenhadores
Papeis continuos, tela, vegetal e Marion para desenho
Canetas com tinta—Caixas de papel de luxo

EXECUTAM-SE

trabalhos tipograficos e litograficos

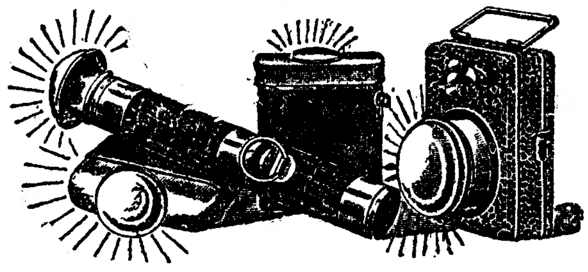
Timbragem a relevo — Encadernações simples e de luxo

PREÇOS MODICOS

34 a 38, RUA DO OURO, 34 a 38

— LISBOA —

ELECTRICIDADE PORTATIL



CASA TRIUNFO

Rua Augusta, 72 e 74
LISBOA

Lampadas d'algibeira, Bastões, Tarches, Lanternas para trazer na mão. Pilhas e baterias

Descontos aos revendedores

Remete-se para a provincia

Esta casa é incontestavelmente a mais bem fornecida

MAQUINAS

Instalações completas para todas as industrias
Material de tracção, fixo e rolante para caminho de ferro de via estreita

Estudos e orçamentos gratis

PEDIDOS A CARLOS EMPIS

Rua de S. Julião, 23, 1.° — LISBOA

Telefone C. 5055 *Telegramas EMPIS — LISBOA*

Banco Industrial Português

Séde em Lisboa: RUA AUGUSTA, 114

CAPITAL AUTORIZADO 50.000:000$ LISBOA CAPITAL REALIZADO 5.000:000$

Operações — Descontos — Transferencias — Emprestimos e creditos em conta corrente—Compra e venda de cambiais—Cartas de credito sobre o país e estrangeiro—Depositos á ordem e a praso — Guarda de titulos — Aluguer de cofres (casa Fichet, Paris)

FILIAIS: PORTO—COIMBRA—VIANA DO CASTELO —SANTAREM—FARO E PONTA DELGADA

Correspondentes: Nas principais terras do país e em todas as praças do estrangeiro

HORARIO DOS COMBOIOS DA LINHA DE CASCAIS, DESDE 7 DE SETEMBRO DE 1922

Estaç. e apead.	101	1	103	201	3	203	105	107	109	205	5	111	207	7	9	113	115
						(a)		(a)			(b)		(b)				
	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M
Cais do Sodré	0 45	7 20	8 45	10 00	10 30	12 50	13 00	14 00	16 00	17 20	17 30	18 15	18 50	19 00	19 40	21 10	23 10
Santos (ap.)	—	7 23	8 48	—	10 33	—	13 03	14 03	16 02	—	17 33	—	—	19 03	19 43	—	—
Alcantara Mar.	—	7 27	—	—	10 37	—	—	—	16 06	—	17 37	—	—	19 07	—	—	—
Junqueira (ap.)	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Belem	—	7 33	—	—	10 43	—	—	14 11	—	—	17 43	—	—	19 13	19 52	—	—
Bom Suces (ap.)	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Pedrouços	—	7 37	—	—	10 47	—	—	—	—	—	17 47	—	—	19 17	19 56	—	—
Algés	0 58	7 40	9 01	—	10 50	—	13 16	14 17	16 16	—	17 50	—	—	19 20	19 59	21 23	23 23
Dafundo (ap.)	—	7 42	—	—	10 52	—	—	—	16 18	—	17 52	—	—	19 22	20 01	—	—
Cruz Quebrada	1 02	7 45	9 05	—	10 55	—	13 20	14 22	16 21	—	17 56	18 31	—	19 25	20 04	21 27	23 27
Caxias	1 06	7 50	9 10	—	11 00	—	13 25	14 27	16 26	—	18 00	18 36	—	19 30	20 09	21 31	23 31
Paço d'Arcos	1 11	7 55	9 16	—	11 05	—	13 30	14 32	16 31	—	18 05	18 41	—	19 35	20 14	21 36	23 36
Santo Amaro (ap.)	1 15	8 00	9 20	—	11 10	—	13 35	14 37	16 36	—	18 10	18 46	—	19 40	20 19	21 40	23 40
Oeiras	1 17	8 03	9 23	—	11 13	—	13 38	14 40	16 39	—	18 13	18 49	—	19 43	20 22	21 42	23 42
Carcavelos	1 21	8 07	9 27	—	11 17	—	13 42	14 44	16 43	—	18 17	18 53	—	19 47	20 26	21 46	23 46
Parede	1 24	8 11	9 31	—	11 21	—	13 46	14 48	16 47	—	18 21	18 57	—	19 51	20 30	21 49	23 49
Cae Agua (ap.)	1 28	8 14	9 34	—	11 24	—	13 49	14 51	16 50	—	18 24	19 00	—	19 54	20 33	21 53	23 53
S. J. Estoril (ap.)	1 31	8 18	9 38	10 33	11 28	13 23	13 53	14 55	16 54	17 53	18 28	19 04	19 23	19 58	20 37	21 56	23 56
Estoril	1 33	8 21	9 41	10 36	11 31	13 26	13 56	14 58	16 57	17 56	18 31	19 07	19 26	20 01	20 40	21 58	23 58
Mont. Estor. (ap.)	1 36	8 24	9 44	10 39	11 34	13 29	13 59	15 01	17 00	17 59	18 34	19 10	19 29	20 04	20 43	22 01	0 01
Cascais	1 38	8 26	9 46	10 41	11 36	13 31	14 01	15 03	17 02	18 01	18 36	19 12	19 31	20 06	20 45	22 03	0 03

Estações e apea.	102	2	4	6	202	104	204	106	108	110	8	206	112	114	116	118
												(b)		(a)		
	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M
Cascais	0 15	5 55	7 20	8 25	9 04	9 41	10 10	11 15	12 40	14 30	16 00	17 40	18 20	19 00	19 44	22 30
Monte Estoril (ap.)	0 17	5 58	7 23	8 28	9 07	9 44	10 13	11 18	12 43	14 33	16 03	17 43	18 23	19 03	19 47	22 32
Estoril	0 20	6 01	7 26	8 31	9 10	9 47	10 16	11 21	12 46	14 36	16 06	17 46	18 26	19 06	19 50	22 35
S.J. do Estoril (ap.)	0 23	6 05	7 30	8 35	9 14	9 51	10 20	11 25	12 50	14 40	16 10	17 50	18 30	19 10	19 54	22 38
Cae Agua (ap.)	0 26	6 08	7 33	8 38	—	9 54	—	11 28	12 53	14 43	16 13	—	18 33	19 13	19 57	22 41
Parede	0 30	6 12	7 37	8 42	—	9 58	—	11 32	12 57	14 47	16 17	—	18 37	19 17	20 01	22 45
Carcavelos	0 33	6 16	7 41	8 46	—	10 02	—	11 36	13 01	14 51	16 21	—	18 41	19 21	20 05	22 48
Oeiras	0 37	6 20	7 45	8 50	—	10 06	—	11 40	13 05	14 55	16 25	—	18 45	19 25	20 09	22 52
Santo Amaro (ap)	0 39	6 22	7 47	8 52	—	10 08	—	11 42	13 07	14 57	16 27	—	18 47	19 27	20 11	22 54
Paço d'Arcos	0 43	6 27	7 52	8 57	—	10 13	—	11 47	13 12	15 02	16 32	—	18 52	19 32	20 16	22 58
Caxias	0 47	6 31	7 56	9 01	—	10 17	—	11 51	13 16	15 06	16 36	—	18 56	19 36	20 20	23 02
Cruz Quebrada	0 51	6 36	8 01	9 06	—	10 22	—	11 56	13 21	15 11	16 41	—	19 01	19 41	20 25	23 06
Dáfundo (ap.)	—	6 40	8 04	9 09	—	—	—	—	—	—	16 41	—	—	—	—	—
Algés	0 55	6 42	8 07	9 12	—	10 27	—	—	13 26	—	16 47	—	19 06	—	20 30	23 10
Pedrouços	—	6 44	8 09	9 14	—	—	—	—	—	—	16 49	—	—	—	—	—
Bom Sucesso (ap.)	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Belem	—	6 49	8 14	9 19	—	—	—	—	—	—	16 54	—	—	—	—	—
Junqueira (ap.)	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Alcantara Mar.	—	6 54	8 19	9 24	—	—	—	—	—	—	16 59	—	—	—	—	—
Santos (ap.)	—	6 59	8 24	9 29	—	—	—	—	—	—	17 04	—	—	19 57	—	—
Cais do Sodre	1 08	7 01	8 26	9 31	9 45	10 40	10 51	12 12	13 39	15 27	17 06	18 21	19 19	19 59	20 43	23 23

Todos estes comboios fazem serviço de bagagens e recovagens.
O numero de passageiros nestes comboios é limitado.
(a) Só se efectuam aos domingos e dias feriados.
(b) Não se efectuam aos domingos e dias feriados.
Comboios em que são válidos os bilhetes de 3.ª classe, mensais e semanais, dá tarifa especial n.° 2 de grande velocidade, para operarios e trabalhadores:—Comboios 1, 5, 7, 9, 2, 4, 112 e 116.

O "DIARIO DE LISBOA" encontra-se á venda na linha de Cascais, nas estações de Parede e Estoril

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

A GUERRA NO ORIENTE

500 OFICIAIS FORAM FEITOS PRISIONEIROS

A Mesopotamia vai ser atacada?

O que se diz nos centros ingleses

LONDRES, 8

Confirma-se a captura do general Tricoupis, tendo o governo helenico nomeado para o substituir o general Polymenakos.

Este, em ordem do dia, dirigiu-se ás tropas recomendando a maior disciplina.

Na ocasião do aprisionamento do general Tricoupis, foram tambem capturados o estado maior do chefe, 500 oficiais e 12.900 soldados.

O «Evening Standard» recebeu a noticia de que os turcos pensavam em um ataque á Mesopotamia, o que causou em Londres uma certa emoção. Por outro lado, informações particulares assinalam a actividade desacostumada que reina nos centros militares britanicos da Mesopotamia — (Dibôa).

O armisticio

LONDRES, 8

Confirma-se o pedido de armisticio feito pela Grecia ao governo de Angora.

Se este aceitar, as condições serão imediatamente discutidas na zona neutra de Ismid, assistindo ás negociações os chefes das missões aliadas em Angora — (L. A.).

Os despojos

ANGORA, 8

Segundo a estatistica, publicada pelo estado maior turco, dos despojos tomados ao inimigo, as tropas apoderaram-se de 700 canhões, 950 camions, 11 aeroplanos e 2.000 metralhadoras — (L. A.).

SCIENCIAS E SUBSISTENCIAS

UM CONGRESSO ODONTOLOGICO

Os dentes e a vida cara

Quando a fome aperta, ninguem se lembra do dentista

Esteve reunido nos ultimos dias, em Madrid, o IX congresso odontologico que decorreu cheio de interesse, tendo-se chegado, pelos modos, a conclusões interessantissimas, da maior valia para o progresso da odontologia scientifica.

Em duas partes se dividiram os trabalhos da assembleia: na primeira tratou-se o assunto sob o ponto de vista teorico; na segunda fizeram-se demonstrações praticas atinentes a comprovar o merito das teses apresentadas.

Tomou-se conhecimento de uma comunicação da Fundação Carnegie, dos Estados-Unidos, inspirada em fins filantropicos, na qual se lembrava a conveniencia de alentar e favorecer as obras de protecção social, tanto americanas como europeias; falou-se com muita proficiencia da «Endocrinia em Odontologia» e dos «progressos da odontologia durante a guerra»; nomearam-se comissões de ensino, higiene, investigação scientifica, beneficencia, legislação, bibliografia e terminologia, organização local, exposição, regulamentos, estatutos e actos, sub-inspectores dentistas do exercito e da armada, etc.; discutiram-se varios casos de «Noma curados com injecções de Novoarsenobenzol; elegeram-se presidentes de honra; e descreveram-se, por fim, novos aparelhos de tirar dentes.

***

Depois passou-se á parte pratica dos casos debatidos, começando as sessões por curiosas experiencias, ás quais se seguiu uma série de animadissimos e suculentissimos banquetes em varios restaurantes e hoteis da capital espanhola.

Os congressistas, que nessa altura dos trabalhos se fizeram acompanhar por suas familias, tiveram então um magnifico ensejo para confirmar na pratica a verdade das teorias anteriormente expostas.

No restaurante «Ideal Retiro», por exemplo, ofereceu a Sociedade Odontologica Espanhola, um pouco de caso pensado, um almoço que as noticias telegraficas dizem ter sido esplendido, e que na verdade o deve ter sido, porque os comensais provaram, da maneira mais pratica que é possivel descobrir para casos daqueles, a resistencia e a utilidade dos dentes tratados pelos modernos processos da sciencia odontologica.

A esse almoço, outros almoços, «lunchs» e repetidos jantares se seguiram, todos eles da mesma força provativa; pois não consta do noticiario que alguem tivesse deixado de comer até locupletar o estomago, só por culpa dos dentes.

Assistiram velhos e novos, senhoras e senhores; e, caso curioso, nem alguns, que, por falta de oportunidade, ainda não haviam ligado grande importancia á higienização dos maxilares, nem esses sentiram dificuldade de maior em mastigar, mal ou bem, as iguarias.

A prova estava feita; mas, como se constatára que até os desdentados dispensavam os dentes quando o estomago se punha a ditar a lei, fez-se uma ultima e decisiva demonstração no Ritz, com um banquete que mereceu as honras de general, no dizer dos nossos colegas da imprensa madrilena.

Pois os resultados voltaram a ser magnificos. Toda a gente comeu o «general», como se tivesse dentadura de aço.

Ignoramos ainda qual a conclusão que o Congresso teria tirado desta ultima parte dos seus trabalhos. Quanto a nós, o que se provou, afinal, foi isto: quando a fome aperta, toda a gente tem bons dentes.

E a prova está em que, os proprios donos de casa, agora mesmo, quer em Portugal, quer em Hespanha, quando se trata de subsistencias, receiam mais as dôres de colica do que receiam as dôres de dentes.

O QUE FEZ A GUERRA

RECONSTRUÇÃO DAS REGIÕES DEVASTADAS

Um contracto que é vantajoso?

O que diz o ministro francês

PARIS, 8

Nos circulos americanos e ingleses liga-se uma grande importancia ao contrato Sinnes que permite a reconstrução das regiões devastadas.

E' provavel que o governo francês permita que a Alemanha guarde o carvão necessario a fim de poder fabricar os materiais destinados á reconstrução daquelas regiões.

A imprensa francesa que se mostrou a principio um pouco fria, está agora cheia de esperança.

O ministro francês das regiões devastadas diz que o acordo é muito vantajoso e terá como consequencias uma nova era de relações comerciais entre os dois paises.—(L. A.)

CINEMA CONDES

A estreia de hoje: «A pequena fada da Irlanda»

Mais uma estreia hoje no Condes, onde o empolgante drama de aventuras *Os misterios da Selva* está obtendo o maior dos sucessos.

O *film* de hoje intitula-se *A pequena fada da Irlanda* e tem o magistral desempenho da gentil actriz Mary Minter, continuando no *écran* o exito brulesco da impagavel comedia *Pencudo cobrador de rendas de casa.*

Quereis poupar o calçado?
Usae o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

BAIRRO CAMÕES
DR. A. NARCISO
Medico
R. NOGUEIRA E SOUSA, 17-2.º
(á R. Luciano Cordeiro)

Telefone C. 3033
SOUZA, MOURA & C.A L.DA
End. Tel. «SOURA»
CASA BANCÁRIA
103, RUA AUREA, 105
LISBOA
COMPRA E VENDA DE MOEDAS, NOTAS ESTRANGEIRAS, PAPEIS DE CRÉDITO, ORDENS DE BOLSA, CHEQUES SOBRE AS PRINCIPAIS PRAÇAS DO PAÍS E ESTRANGEIRO. DEPOSITOS Á ORDEM E A PRASO. TODAS AS TRANSACÇÕES BANCARIAS

SALÃO FOZ
Empresa Artur Emauz — A's 7 1|2
A PEDIDO — Ultima exibição completa do grandioso «film» de arte
O CONDE DE MONTE CRISTO
extraído do celebre romance do mesmo nome
! 25 actos pelo grande Mathot !
Todas as noites exibe-se uma fita completa em séries. PREÇOS POPULARES
Platéa . . . . 1$00 | Balcão. . . . 1$50
Camarotes e frizas. . . 5$00
BREVEMENTE — Companhia Beatriz de Almeida, da qual faz parte o actor Silvestre Alegrim. — Director-gerente: Jaime Zenoglio.

O general Fernando Larcher
FALECEU

Eulalia de Andrade Lima, Adelina Emilia de Andrade Lima, Olivia de Andrade Lima, José de Castelbranco Ribeiro da Cunha e sua mulher participam o falecimento de seu querido primo e que o seu funeral terá logar ámanhã, 9 do corrente, pelas 11 horas, saíndo o prestito funebre da casa da sua residencia Rua da Junqueira, 279, 1.º, para o cemiterio Ocidental.

CAMBIOS E BOLSA
SAQUES SOBRE O ESTRANGEIRO
Compra e venda ás melhores taxas
EXECUÇÃO DE ORDENS DE BOLSA, TITULOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS
Pancada, Morais & C.a
Rua Augusta, 37 (esquina da R. de S. Julião)

Mais economico
Venda a retalho
400 peças de excelentes fazendas de pura lã em exposição para fatos e vestidos nos depositos dos fabricantes Donas da Covilhã, para venda a retalho, desde 30 escudos cada córte de fato de 3 metros.
Vejam para crêr
LISBOA—R. dos Fanqueiros, 187, 2.º
PORTO—R. Fernandes Tomaz, 392-A

A' grande Baixa de Calçado
a Sapataria Social Operaria
Sapatos em calf-preto para senhora. a . . 19$00
Sapatos em verniz todos os modelos a. . 20$00
Botas calf-preto com duas solas. . . . . . 27$50
Grando saldo de botas brancas . . . . . . 17$15
Um colossal sortimento em calçado para crianças
Grande saldo de botas de côr para homem a. . . . . 27$00
Vão vêr, pois só lá se encontra Barato e Bom
18, Rua dos Cavaleiros, 20, com filial no n.º 66

O «DIARIO DE LISBOA» Vende-se na linha de Cascais, nas estações de Parede e Estoril

Entero colite crónica — Seu tratamento
ESTORIL-TERMAS

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

A VIAGEM PRESIDENCIAL

AFONSO XIII

AGRADECE O TELEGRAMA DO SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA

O "Porto" navega proximo do Equador—O Centenario da Independencia do Brasil festejado a bordo

BORDO DO «PORTO» (VIA S. VICENTE), 8, á 1 e 15.—O sr. Presidente da Republica recebeu ontem o seguinte radio:

PRESIDENTE PORTUGAL — VAPOR «PORTO»—Muito agradeço o amavel telegrama que me dirigistes de Las Palmas. Faço votos fervorosos para se realizar com toda a felicidade a vossa viagem ao Brasil, enviando-vos afectuosas saudações. -- Afonso, Rei.

BORDO DO PORTO, (VIA S. VICENTE), 7, ás 23 e 10.—O *Porto* navega proximo do Equador. O Centenario da Independencia do Brasil foi comemorado a bordo com uma festa impressionante. Logo de manhã foram içadas nos tópes dos mastros da prôa e da ré as bandeiras de Portugal e do Brasil, formando o destacamento de marinha em continencia e tocando a charanga os hinos português e brasileiro,

Neste momento, passou á vista do *Porto* o paquete alemão *Urania*, tendo-se trocado entusiasticas saudações.

Ao *champagne*, o sr. presidente da Republica ergueu a sua taça em honra do Brasil, tendo pronunciado sentidas e eloquentes palavras que comoveram os dois jornalistas brasileiros que fazem parte da comitiva.

Na sessão solene que em seguida se realizou, o sr. ministro dos estrangeiros pronunciou um notavel discurso, tendo falado tambem, brilhantemente, o sr. dr. Jaime Cortesão. Em nome dos jornalistas portugueses, por ter desistido de falar o enviado especial do *Diario de Lisboa*, Avelino de Almeida proferiu algumas graves e sentidas palavras, sendo carinhosamente aplaudido.

Falou em seguida o representante de *A Patria*, do Rio de Janeiro, sr. Abadie Rosa, que agradeceu, comovidamente, em nome do Brasil, as homenagens prestadas ao seu país.

O *Bagé*, o magnifico paquete do Lloyd Brasileiro que conduziu a Fernando Noronha o *Fairey 16*, enviou para bordo do *Porto* uma entusiastica saudação ao sr. presidente da Republica.

Devemos passar ámanhã pelo *Bagé*.

Norberto de Araujo

Presume-se que não ha possibilidade do chefe do Estado estar de regresso do Brasil no dia 5 de outubro, aniversario da Republica, salvo se a sua demora no Rio de Janeiro fôr curtissima e se não fizer no *Porto* a viagem de volta.

SORTE GRANDE

São constantes as sortes grandes vendidas no feliz cambista **PINA**

3157 60:000$00

vendido em vigesimos e numero certo desta Casa que distribui anualmente pelos seus estimaveis clientes **Milhões de Escudos.**

Para a grande loteria do Natal já tem á venda bilhetes e fracções sendo o premio maior **1:000:000$00.**

Pedidos a

COSTA LIMITADA

75 -- Rua de S. Paulo -- 77

Telefone 3486 C. — LISBOA

Limpeza e conservação do calçado obtem-se uzando o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

74, RUA DO CARMO, 74

A POLITICA FINANCEIRA DO GOVERNO

200.000 CONTOS

DEVEM RENDER AS PROPOSTAS DE FINANÇAS

O MINISTRO DAS FINANÇAS concede uma entrevista ao "Diario de Lisboa"

O "DEFICIT" ORÇAMENTAL VAI DESAPARECER

A discussão das propostas de finanças está arrumada. Votações de noite, votações de dia; o sr. Carvalho da Silva gritando á extrema direita que o ministro assim não ia bem, *vis-à-vis* com o sr. Sá Pereira que tem sempre na ponta da lingua um não apoiado ultra-democratico, quasi sindicalista. Emfim, as propostas votaram-se.

Restava ouvir a opinião do sr. Lima Basto, que é da pasta das finanças. Ora o sr. Lima Basto está tambem no comercio, e um homem que é ministro em duplicado tem pouco tempo para dar conversas a jornalistas. Incumbiram-me do assunto. Quem não tem amigos, não vai a Roma, poder-se-ha dizer? Valeu-nos o sr. Sá Pereira, que na sala das sessões da camara dos deputados, tendo sacrificado a hora do almoço para me apresentar ao sr. Lima Basto, poz o ministro a falar muito claramente para o publico.

Interroguei, dizendo:

—Quanto rendem as propostas de finanças? Falou-se em setecentos mil contos...

Um gesto de espanto:

—Ha engano! Não lhe posso dizer a verba exacta... Computo-a em duzentos mil contos...

—Com os adicionais que veem sobrecarregar as propostas...

—Isso é erro crasso!

—Dito propositadamente para o sr. ministro esclarecer o publico.

—Os adicionais são sobre os impostos antigos, desde janeiro até junho de 1922. O que fizemos foi empurrar as propostas de finanças para o ano economico, que começou em junho.

—Não teem, portanto, retroactividade...

—De janeiro a junho de 1922 vigoram apenas os adicionais...

—Que renderão...

—Qualquer coisa como vinte mil contos.

—E que vantagem teve o sr. ministro em criar os adicionais e fixar as propostas só de junho para cá...

—No antigo regime tributario as receitas eram cobradas nos anos civis, e as despesas entravam nos anos economicos...

—Que não se correspondiam.

—Agora tanto as receitas como as despesas são inscritas nos anos economicos...

—A ideia é de V. Ex.a...

—O meu antecessor já a tinha encarado. Apresentei ante-ontem a proposta dos adicionais e a respectiva emenda... Mas alguns jornais, por exemplo o seu, só publicaram a proposta, esquecendo-se da emenda...

—Que é importante?

—Muito! Os adicionais foram diminuidos.

—Caminhamos para a extinção do *deficit*...

—Caminhamos a passos agigantados. Pode-o dizer... Resolvido o problema do cambio, cuja oscilação custa rios de ouro ao Estado, entraremos em plena normalidade financeira.

Ora tudo isto passava-se na Camara dos Deputados, no dia 8 de setembro de 1922, tempo de sol e de calor. Ao lado dos dois interlocutores: ministro e «reporter», uns oculos eram constantes. Eram os do sr. Vaz Guedes que, por vezes, para que o ministro documentasse a entrevista, lhe lembrava os artigos tais ou paragrafos tais das propostas de finanças. O sr. Lima Basto, com um pouco de sorriso e outro pouco de ironia:

—Ontem apresentaram-me como uma fera, no seu jornal! Publicaram a proposta dos adicionais, deixando a emenda que os diminue... Afinal 50 °|o aqui, outros 50 °|o além, mais 100 °|o sobre o imposto da contribuição sumptuaria, que ainda não tinha sido agravado...

—Só se teve conhecimento da proposta. Como o sr. ministro a apresentou primeiro.

—Sim, mas ha ainda outra coisa. Velhas contribuições que desapareceram e que sobrecarregavam gravemente a população do país... Isto tambem é importante...

Outro sorriso:

— Para que não me apresentem como uma fera...

— Quanto espera do imposto sobre transacções?

— Uns cento e trinta mil contos...

— Vão-se discutir agora os emprestimos a levantar...

— Vão! São necessarios! O estrangeiro, reconhecendo o sacrificio que fizemos, acolherá com simpatia qualquer operação...

E nesta altura o sr. ministro conta-nos uma historia que os leitores encontrarão inteirinha na fabula da cigarra e da formiga. Depois:

—Entramos agora no periodo de reconstrução economica. Não se diga que as propostas de finanças destroem as iniciativas comerciais e industriais. Ainda ha bem pouco tempo um capitalista me dizia:

— Muito bem; fico a pagar menos. Porquê? Porque os impostos são mais distribuidos.

Cá fóra, o sr. Sá Pereira dizia, num grupo:

— O ano passado um «menino» fez oitocentos contos. Sabem quanto pagou ao Estado? Três!

Assistencia Publica

O sr. Alfredo Pinto tomou posse do cargo de provedor interino

O sr. Pais Abranches, provedor da Assistencia de Lisboa, deu hoje posse de provedor, interino, ao sr. Alfredo Pinto, secretario do sr. ministro do Trabalho, por ir para aguas durante alguns dias.

Ao acto assistiram quasi todos os funcionarios superiores, a quem o sr. Pais Abranches, num breve discurso, fez a apresentação do seu sucessor, tecendo-lhe os mais rasgados encomios.

O sr. Alfredo Pinto agradeceu as cativantes palavras que lhe foram endereçadas.

Cruzador "Carvalho Araujo"

Chegou ontem ao Rio de Janeiro, ás 6-30, hora local, o cruzador «Carvalho Araujo».

A CONFISCAÇÃO dos dois navios ingleses PELOS «SOVIETS»

BUCAREST, 8

Chegaram ao Mar Negro 9 navios da marinha de guerra inglesa, enviados pelo governo, a fim de protegerem a navegação britanica naquele mar. Supõe-se que esta medida se relaciona com o sequestro, ordenado pelos «soviets», de dois navios ingleses ancorados no porto de Batoum.

O governo russo pretende que confiscou esses navios em vista de terem sido ilegalmente vendidos á Inglaterra pelo general Wrangel.—(L. A.)

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

O PARLAMENTO DE HOJE

AS SESSÕES

DA MANHÃ E DA TARDE NÃO TIVERAM O MENOR INTERESSE

A falta de numero—As obras dos Bairros Sociais—Um grande emprestimo para as do Porto de Lisboa

A' chamada, feita dois minutos depois das 10 horas, respondem 45 deputados.

Preside o sr. Domingos Pereira e do governo estão os srs. presidente do ministerio e ministros da Instrução, Justiça, Agricultura, Colonias e Marinha e Interino dos Estrangeiros.

* * *

Durante as leituras entra o sr. ministro do Comercio e interino das Finanças. Galerias desertas. Ha ainda grandes duvidas sobre se a presidencia consegue reunir «quorum», porque muitos legisladores seguiram para as suas terras, desobrigados já do compromisso de votarem as propostas que reformam o regime tributario.

A's 10,40 o sr. presidente anuncia que não ha numero e marca sessão para as 14 horas.

* * *

A's 15 e 35 estão presentes 57 deputados. A sessão principia, monotona, desinteressante. Vão ser apreciadas emendas introduzidas no Senado a varias propostas. Entre elas são votadas quasi sem discussão as que dizem respeito á continuação das obras dos Bairros Sociais, á segunda época de exames e a que autorisa o governo a contraír um emprestimo para obras no porto de Lisboa.

NO SENADO

Preside o sr. Pereira Osorio, ocupando os seus logares 22 legisladores.

O sr. presidente dá conhecimento á camara duma carta enviada pelo senador sr. Ribeiro de Melo em que este parlamentar declara abandonar os trabalhos.

Os srs. Bulhão Pato, Mendes dos Reis Julio Ribeiro, Querubim Guimarães, Cunha Barbosa, Joaquim Crisostomo e Alves Manteiro proferem palavras mostrando as qualidades do sr. Ribeiro de Melo.

Aqueles parlamentares são de opinião que a mesa nomeie uma comissão para o ir procurar no sentido de o demover do seu proposito.

O sr. presidente convida os oradores que se referiram ao sr. Ribeiro de Melo para se desempenharem daquela missão.

Entrando-se na ordem do dia, continúa a discussão sôbre a lei que tende a proíbir a cedencia de automoveis do Estado aos funcionarios civis e militares.

Usam da palavra, na especialidade, os srs. Bulhão Pato, Oriol Pena, Procopio de Freitas, Ferreira de Simas, Joaquim Crisostomo, ministro da Justiça e Querubim Guimarães.

* * *

Esta Camara deve encerrar os seus trabalhos no proximo domingo, dia em que deve reunir o Congresso para a votação final das subvenções a conceder ao funcionalismo militar e civil.

Uma obra de caridade

José Monteiro é um velho trabalhador dos jornais, honesto, cheio de sinceridade e de honra na profissão e no convivio. Ha tempos, a doença impossibilitando-o atirou com ele e com a esposa para a maior das miserias. A situação daquele lar é hoje absolutamente confrangedora; a tal ponto, que seria uma verdadeira obra de caridade prestar-se-lhe qualquer socorro que lhe atenue o sofrimento.

José Monteiro mora na rua do Bemformoso, 100, 4.°, dt.

ADVOGADOS

Pires do Vale

João de Vasconcelos

Luciano Barata

Acções e recursos em todos os tribunais civis, comerciais, criminais e militares.

Consultas orais e escritas desde as 11 ás 17 horas.

R. Augusta n.° 129, 1.° LISBOA